

Variação do item lexical *camomila* no Paraná com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

The variation of the lexical item camomila in Paraná based on data from Linguistic Atlas of Brazil Project – ALiB

Alicja Goczyła FERREIRA*

Universidade Federal do Paraná (UFPR) / Universidade Federal de Santa Catarina

Felício Wessling MARGOTTI**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Valter Pereira ROMANO***

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar a variação lexical do item *camomila* no Estado do Paraná com base no banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB. Parte-se da hipótese de que a variação de nome para designar essa planta de grande importância sociocultural no estado coincide, até certo ponto, com a delimitação das subáreas dialetais do Paraná apontadas por Koch (2000) e Altenhofen (2002) em conformidade com variantes linguísticas do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS. O *corpus* do estudo é composto pelas respostas obtidas a partir da questão 41 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB, por 68 informantes em 17 localidades no Paraná. O mapeamento da distribuição das variantes, a geração dos mapas e o tratamento quantitativo dos dados foi realizado com o auxílio do *software* SGVClín. Os resultados obtidos demonstram a presença de duas variantes

* Mestre em Letras, Doutoranda em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Departamento de Polonês, Alemão e Letras Clássicas, Curitiba, PR e Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Linguística, Florianópolis, SC. E-mail: alicja.ferreira@ufpr.br

** Doutor em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC. E-mail: felicio.margotti@gmail.com

*** Doutor em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, SC. E-mail: valter.pereira.romano@gmail.com

lexicais principais: *camomila* e *maçanilha*, cuja distribuição diatópica confirma a nossa hipótese e corrobora a tese da divisão das áreas dialetais no Paraná.

PALAVRAS-CHAVE: Dialectologia. Projeto ALiB. Variação lexical. *Camomila* no Paraná.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present the lexical variation of the item *camomila* (chamomile) in the state of Paraná based on database from the Linguistic Atlas of Brazil Project – ALiB. It is assumed that the variation of the name to designate this plant of great sociocultural importance in the state coincides, to some extent, with the delimitation of the dialectal subareas of Paraná pointed out by Koch (2000) and Altenhofen (2002) in accordance with linguistic variants of the Linguistic-Ethnographic Atlas of Southern Brazil - ALERS. The corpus of the study is composed of responses to question 41 of the ALiB Semantic-Lexical Questionnaire, by 68 informants in 17 locations in Paraná. The mapping of the distribution of the variants, the generation of the maps, and the quantitative treatment of the data was carried out with the help of the SGVCLin software. The results obtained show the presence of two main lexical variants: *camomila* and *maçanilha*, whose diatopic distribution confirms our hypothesis and corroborates the thesis of the division of dialectal areas in Paraná.

KEYWORDS: Dialectology. ALiB Project. Lexical variation. *Camomila* in Paraná.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar a variação lexical no Estado do Paraná com base nas respostas da questão 41 (*camomila*) do Questionário Semântico-Lexical (doravante QSL) do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (doravante ALiB). Considera-se a hipótese de que a variação coincide, ainda que parcialmente, com a delimitação de subáreas dialetais do Estado do Paraná propostas por Koch (2000) e Altenhofen (2002) e evidenciadas com os trabalhos de geolinguística lexical, tais como Romano e Aguilera (2014), Romano (2015, 2018), Chofard e Margotti (2019), Margotti e Romano (2021), entre outros.

O objeto de estudo é *camomila* (*Chamomilla recutita* L.), que é uma planta medicinal bastante cultivada no Paraná (COSTA, 2001), sendo esse estado o seu maior produtor nacional (PARANÁ..., 2020). Nativa do sul e leste europeu, é uma planta de

grande amplitude ecológica que cresce amplamente de maneira espontânea nas zonas climáticas moderadas e subtropicais. É uma espécie herbácea, ereta, anual, aromática e medicinal, muito ramificada, com a altura de até 60 cm. Possui inflorescências com dois tipos de flores: centrais amarelos e marginais brancos. Graças ao seu óleo essencial, com ação anti-inflamatória, calmante e antimicrobiana, *camomila* tem largo emprego nas indústrias farmacêutica, cosmética e alimentícia. No século XIX, a planta foi introduzida na Região Sul do Brasil pelos imigrantes europeus, principalmente poloneses, alemães, italianos e ucranianos, que trouxeram de suas terras natais o hábito do consumo da planta, as primeiras sementes e as técnicas de cultivo (COSTA, 2001).

A importância sociocultural dessa erva, em especial nas mesorregiões centro-sul e sudeste do Paraná, é apontada por várias pesquisas na área de Etnobotânica e Agroecologia. A título de exemplo, mencionamos a pesquisa de Glowka *et al.* (2021), as quais registraram a *camomila* como uma das cinco plantas medicinais mais frequentemente cultivadas pelos pequenos agricultores da região de Laranjeiras do Sul (PR), e o trabalho de Kosmaski (2018), o qual destaca a importância da *camomila* nas práticas das benzedadeiras de origem polonesa na região de São João de Triunfo (PR).

A indicação terapêutica popular dessa planta é de combater dores de barriga em bebês e em crianças e como um calmante (GLOWKA *et al.*, 2021), o que condiz com a formulação da pergunta posta para os informantes na hora da coleta de dados do Projeto ALiB: *Como se chamam umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar?* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Essa conformidade do uso terapêutico no entendimento popular incluída na pergunta do Projeto ALiB é um fato importante, como apontado por Oliveira, Costa e Paz (2018). As pesquisadoras relatam que, na Região Norte do Brasil, foi justamente a indicação terapêutica desconhecida que causou a falta do reconhecimento da planta, cujo uso, relativamente restrito naquela região, limita-se à área de estética capilar.

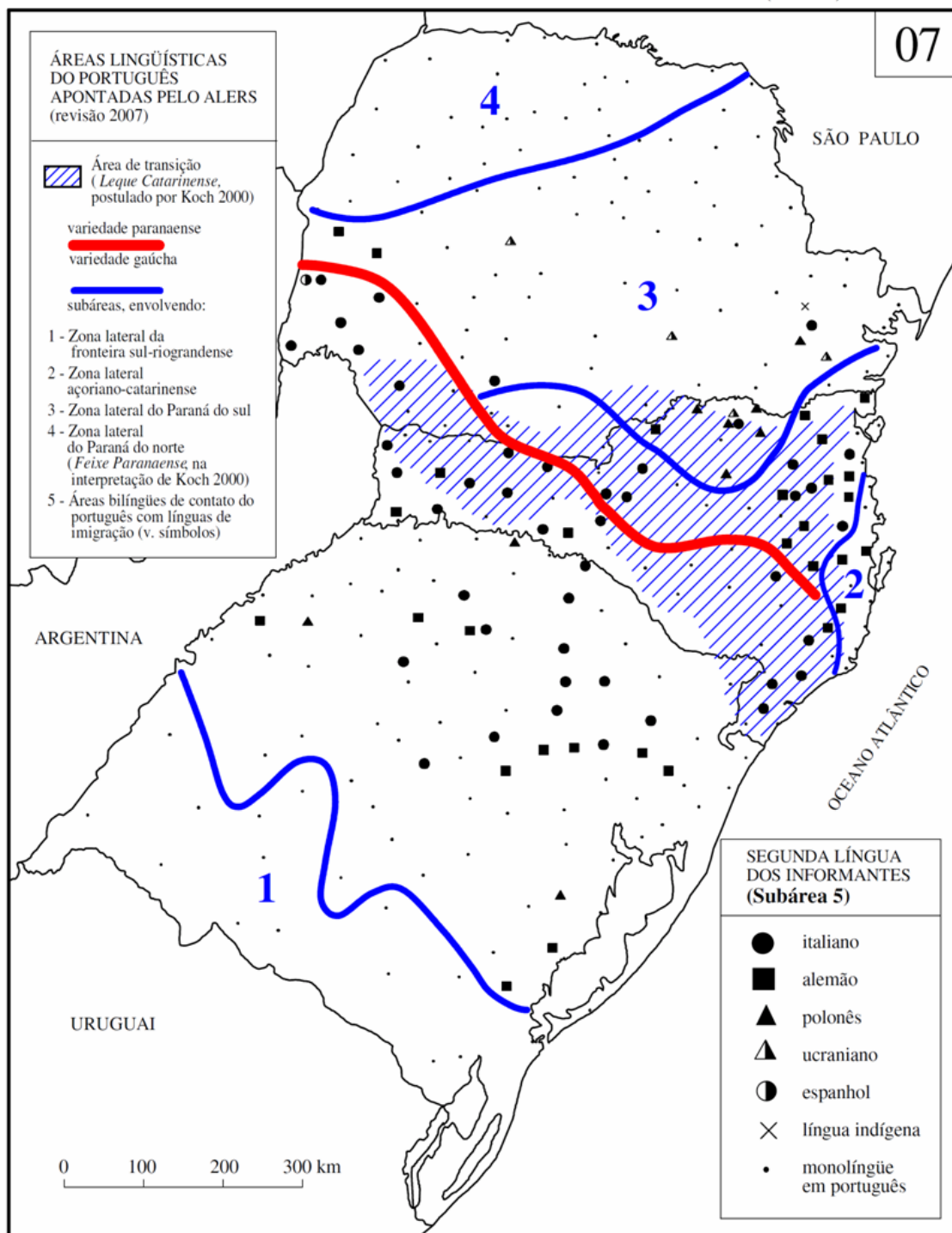
1 Áreas dialetais na Região Sul do Brasil

Segundo a divisão dialetal do português do Brasil proposta por Antenor Nascentes no ano de 1922 e revisada nos anos de 1933 e de 1953, as Regiões Sul e Centro-Oeste do país constituem a área do assim chamado *falar sulista*. A proposta de incluir “no subdialeto sulista regiões dialetologicamente diversas como São Paulo e Rio Grande do Sul” (nas palavras de Renato Mendonça *apud* NASCENTES, 1953, p. 24) tem sido questionada, entre outros, com base nas análises de variação diatópica evidenciada na Região Sul nos dados do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), do Projeto ALiB e do Projeto *Variação Linguística na Região Sul do Brasil* VARSUL. Como apontado por Koch (2000), a Região Sul é caracterizada por uma grande pluralidade social, cultural e, conseqüentemente, linguística, a qual resulta de fatores tais como: i) a presença de açorianos em Santa Catarina; ii) as fronteiras políticas com países de fala hispânica; iii) fluxos migratórios opostos de paulistas e de gaúchos e o papel das rotas dos tropeiros; iv) a presença de imigrantes não-lusos a partir do séc. XIX (KOCH, 2000 *apud* ALTENHOFEN, 2002, p. 122).

Conforme os postulados de Koch (2000), propostos com base nos dados fonéticos do ALERS, a Região Sul é dividida em duas grandes áreas linguísticas: a paranaense e a rio-grandense, separadas por uma área de transição chamada de *Leque Catarinense* (*apud* ROMANO; AGUILERA, 2014, p. 577-578). Altenhofen (2002) propõe o refinamento da proposta de Koch (2000), no qual identifica inicialmente oito áreas linguísticas. A versão revisada dessa divisão, com cinco áreas linguísticas, está representada na Figura 1.

Figura 1. Áreas linguísticas apontadas pelo ALERS

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



MAPA 07 - Áreas linguísticas do português apontadas pelos dados do ALERS

FONTE: MARGOTTI; ROMANO, 2021, p. 111 *apud* ALTENHOFEN, 2008.

No Paraná, área estudada neste artigo, distinguem-se, portanto, três subáreas principais, a saber: 3 – zona lateral do Paraná do sul, chamada também de “corredor

central de projeção paranaense”; 4 – zona lateral do Paraná do norte (*Feixe Paranaense*); 5 – áreas bilíngues de contato, chamadas também de “corredor oeste de projeção rio-grandense” (ALTENHOFEN, 2002).

Essa divisão reflete, de alguma maneira, a história social das regiões contempladas. A zona lateral do Paraná do sul, principalmente, a região centro-sul e Campos Gerais do Paraná, compreende áreas litorâneas de influência vicentista (séc. XVI e XVII) e de áreas por onde passavam as antigas rotas migratórias (séc. XVIII e XIX) dos paulistas no comércio de gado com os gaúchos, inclusive o Caminho de Viamão, como apontam Margotti e Romano (2021). Os autores ressaltam também a importância de movimentos migratórios mais recentes dos rio-grandenses rumo a Santa Catarina e Paraná, tanto nas áreas de rota dos tropeiros quanto nas áreas do oeste catarinense e sudoeste paranaense (corredor oeste de projeção rio-grandense, de acordo com Koch, 2000), espaço territorial onde se identificam variantes lexicais e fonético-fonológicas levadas por sul-rio-grandenses, incluindo empréstimos do contato do português com o espanhol, a exemplo do item lexical *sanga* na região de Lapa, no Paraná.

A zona lateral do Paraná do norte, chamada também de Paraná Moderno, é considerada uma subárea dialetal por se caracterizar pelas inovações fonéticas que diferem dos fenômenos observados em outras partes do estado, o que pode ser atribuído à sua colonização mais recente (ALTENHOFEN, 2002). Romano (2015) caracteriza o norte do Paraná como uma área com influência do *falar paulista*, o qual, provavelmente, tem suas origens nos bandeirantes¹, na expansão da fronteira agrícola, em especial da cultura cafeeira.

Já o “corredor oeste” é considerado por Romano (2015) um território do *falar sulista*, pois demonstra a influência rio-grandense “que revela o contato do português com espanhol em área de fronteira, e também de contato com línguas de imigração como o

¹ O conhecido movimento das bandeiras foi um processo de ocupação e desbravamento do território brasileiro, em que os antigos paulistas começaram a se deslocar para o interior no afã de aprisionar indígenas arredios e principalmente encontrar metais preciosos. O movimento dos bandeirantes se iniciou no século XVI, se desenvolveu durante o século VII e alcançou a fase do esplendor no século XVIII. A partir da então capitania de São Vicente, se iniciou o processo de ocupação para o sul, para o centro, igualmente para o oeste. Nas palavras de Manuel Diégues Jr (1960) “Em direção norte de São Paulo o bandeirismo realizou a empresa de desbravamento do território atual das Minas Gerais. E em direção oeste foram alcançados por um caminho, Cuiabá, e por outro – êste, através do território mineiro – Goiás”. (DIÉGUES JÚNIOR, 1960, p.272).

alemão e o italiano” (ROMANO, 2015, p. 263). Altenhofen (2002) atribui essa influência ao povoamento recente dessa região pelos migrantes do Rio Grande do Sul.

Essa divisão foi demonstrada também por Aguilera (1994 *apud* BUSSE, 2010) na sua análise da distribuição diatópica das variantes para *camomila* nas 65 localidades do Estado do Paraná. As isoglossas desenhadas pela ocorrência das variantes encontradas dividem o território paranaense em três áreas principais: “i) norte, com o registro de *camomila*; ii) centro-sul com *maçanilha*; iii) faixas no sul, centro e oeste com a alternância das variantes” (BUSSE, 2010, p. 227).

O objetivo da presente análise é, portanto, verificar se a variação diatópica das variantes lexicais do sema escolhido nos dados do Projeto ALiB reflete a delimitação de subáreas dialetais no Paraná exposta acima.

2 Metodologia

O *corpus* analisado nesta pesquisa contempla as respostas de 68 informantes de 17 localidades do Paraná que constituem a rede de pontos desse estado no Projeto ALiB, listados no Quadro 1.

Quadro 1. Lista dos pontos de pesquisa do ALiB no Estado do Paraná

Número do ponto	Nome do ponto
207	Nova Londrina
208	Londrina
209	Terra Boa
210	Umuarama
211	Tomazina
212	Campo Mourão
213	Cândido de Abreu
214	Piraí do Sul
215	Toledo
216	Adrianópolis
217	São Miguel do Iguçu
218	Imbituva
219	Guarapuava
220	Curitiba
221	Morretes
222	Lapa
223	Barracão

FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB

Em cada uma das localidades, incluindo a capital do estado, foram entrevistadas quatro pessoas com escolaridade correspondente ao ensino fundamental, distribuídas equitativamente entre duas faixas etárias (18-30 anos e 50-65 anos) e entre dois sexos. E, na capital Curitiba, acrescentaram-se outras quatro pessoas com os mesmos perfis quanto à idade e sexo, mas com formação escolar superior. Neste estudo, no entanto, serão considerados somente os dados dos informantes com formação correspondentes ao ensino fundamental. As entrevistas ocorreram na primeira década do século XXI nas áreas urbanas.

No presente estudo, conforme foi dito alhures, serão apresentadas e analisadas as respostas à questão 41 do QSL do ALiB, que faz parte do campo semântico “Atividades Agropastoris”, a saber: *Como se chamam umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar?*

Para melhor sistematizar e apresentar os dados, fizemos uso do *software* SGVCLin – *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014), o qual permitiu a geração das cartas linguísticas e tratamento quantitativo do *corpus* por meio dos relatórios de frequência absoluta e relativa.

3 Análise de dados

3.1 As variantes para camomila

As variantes registradas como respostas para a pergunta 41 do QSL estão listadas na Tabela 1.

Tabela 1. Variantes para camomila

Variante	%
camomila	45,98%
maçanilha	22,99%

maçania	12,64%
camumila	11,49%
erva doce	2,3%
marcela	2,3%
marcelinha	1,15%
camumilha	1,15%

FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

A palavra *camomila* provém das palavras gregas *khamai* ('próximo da terra') e *mēlon* ('maçã') e chegou à língua portuguesa na forma de *camomilla* do latim tardio (HOUAISS *et al.*, 2001). Segundo Houaiss *et al.* (2001), a mesma planta é designada no Brasil pelas palavras *camomila-dos-alemães*, *camomilha*, *macela*, *margaça* e *matricária*. Quanto às variantes encontradas no Paraná pelo Projeto ALiB, podemos, portanto, classificar o item lexical *camumila* como uma variante fonética da *camomila* e o item *camumilha* como variante da *camomilha*. Em ambos os casos, observamos a elevação vocálica na segunda sílaba e, em *camomilha* e *camumilha*, houve palatalização da lateral [l].

O item *marcela* é também dicionarizado e indicado como um sinônimo da palavra *macela*, cuja origem, segundo Houaiss *et al.* (2001), é incerta². Os autores citam a teoria de Nascentes³, conforme a qual essa palavra é derivada de *maçã* com adição de sufixo *-ela* e com a perda da nasalidade. Indicam, no entanto, o seu possível parentesco com a palavra espanhola *manzanilla*, que designa a *camomila*. Chama atenção o fato de que a segunda variante mais citada nos dados do Projeto ALiB, a *maçanilha* (derivada provavelmente do espanhol *manzanilla*), aparece nos dicionários consultados (HOUAISS *et al.*, 2001; SÉGUIER, 1960; DICIONÁRIO PRIBERAM, 2008-2021) somente como uma designação de uma pequena maçã e de variedade de azeitona própria para conserva. O significado atribuído a esse item lexical pelos informantes do Projeto ALiB, o da *camomila*, não está presente nas acepções dicionarizadas encontradas nesta pesquisa.

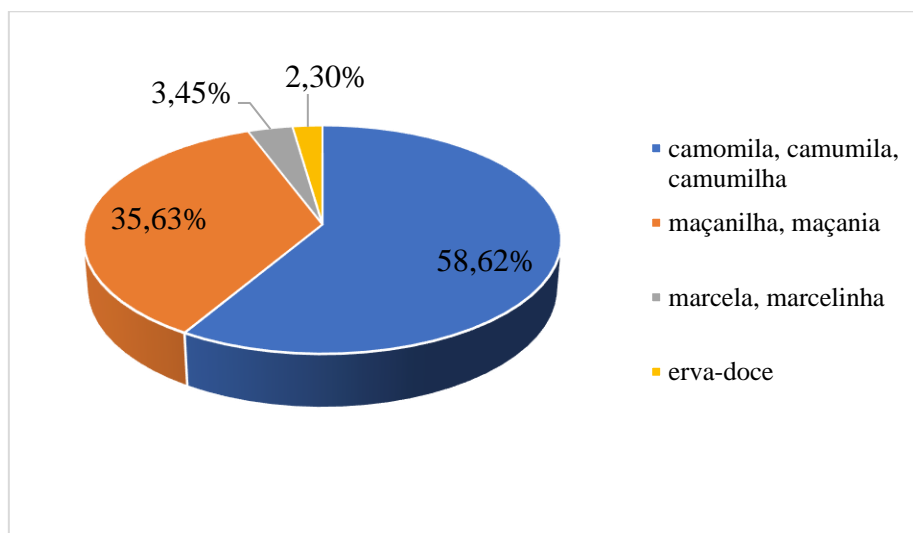
² Vale mencionar que, em termos botânicos, as palavras *camomila* e *marcela* denominam duas plantas diferentes, sendo a primeira delas a designação para *Matricaria recutita*, de origem europeia, e a segunda, a designação para *Achyrocline satureioides*, de origem sul-americana (HORTO DIDÁTICO..., 2020).

³ Houaiss *et al.* (2001) não citam a fonte exata dessa hipótese.

Vale ainda mencionar a variante *erva-doce*, citada por dois informantes, a qual, naturalmente, é uma designação de uma outra planta, usada também no tratamento de problemas com digestão, o que pode ter causado a elicitación dessa palavra durante as entrevistas.

Considerando as equivalências das variantes para *camomila*, como expostas acima, apresentamos a seguir, no Gráfico 1, a produtividade das respostas para a pergunta 41.

Gráfico 1. Variantes para *camomila* (com agrupamento das variantes consideradas equivalentes)



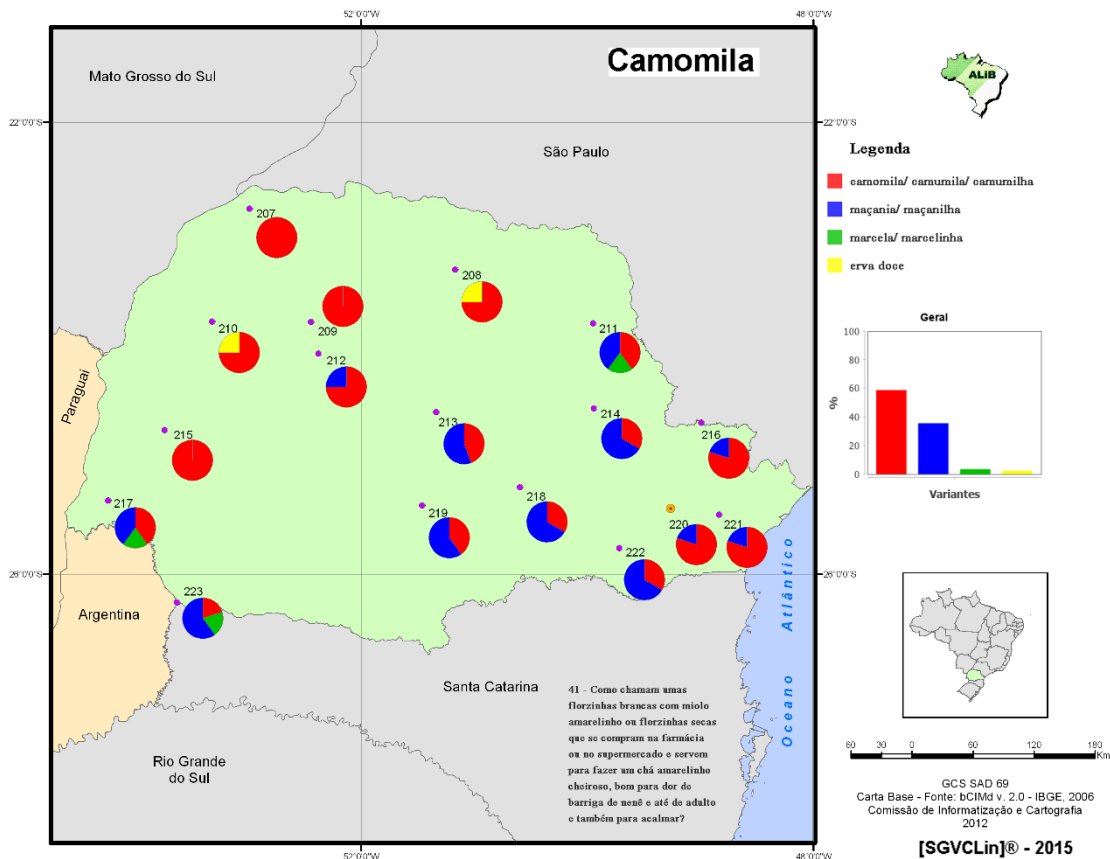
FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

Os dados do Gráfico 1 indicam a presença de duas variantes principais no Paraná: a *camomila* (com as equivalentes *camumila* e *camumilha*) e a *maçanilha* (com a equivalente *maçania*), as quais juntamente respondem por quase 95% de todas as respostas da questão 41 do QSL.

3.2 A distribuição diatópica das variantes

O Mapa 1 apresenta a distribuição diatópica das variantes registradas nas respostas dos informantes referentes à pergunta 41 do QSL (*camomila*) do Projeto ALiB.

Mapa 1. A distribuição diatópica das variantes para *camomila*

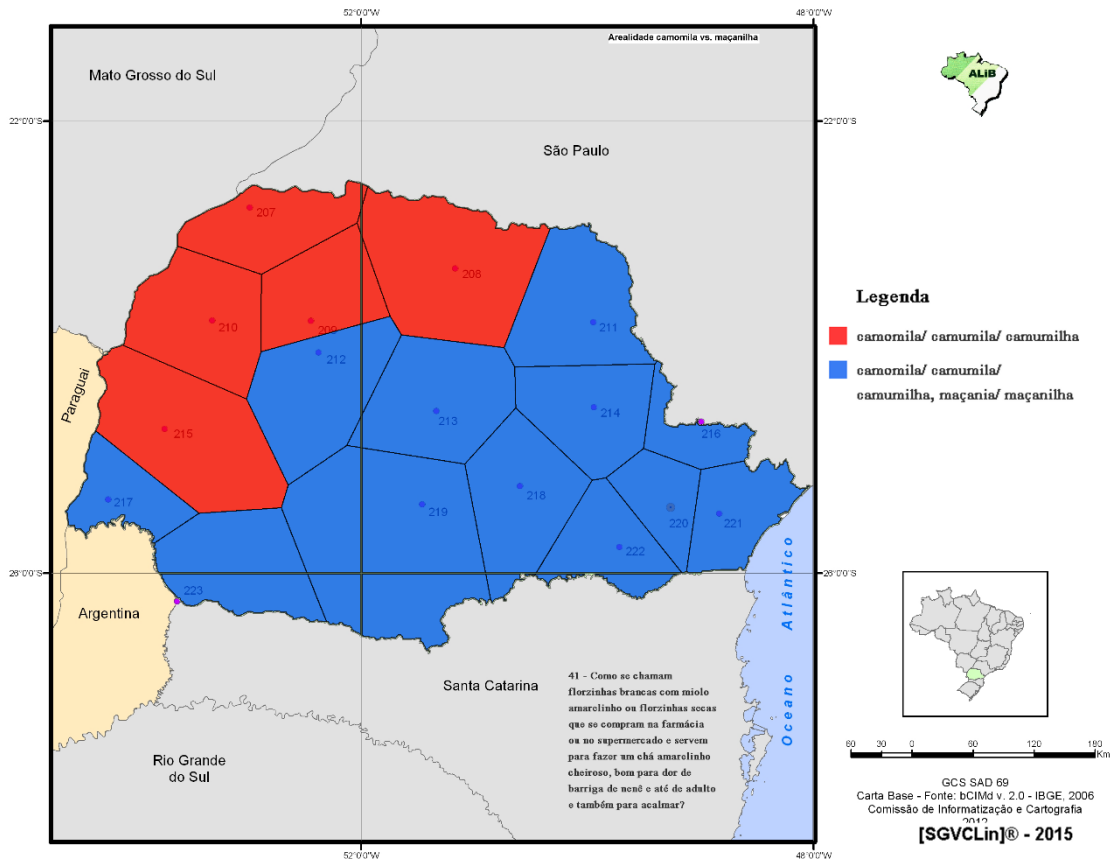


FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

Como observamos no Mapa 1, a variante *camomila* está presente em todos os pontos de pesquisa. No entanto, a sua produtividade varia dependendo da região do estado. Enquanto nas mesorregiões noroeste, norte central e parcialmente oeste (215 – Toledo) a *camomila* tem uma presença praticamente categórica, na mesorregião metropolitana ela coocorre com a *maçanilha*, a qual, por sua vez, é dominante nas mesorregiões sudoeste, centro-sul, sudeste e centro-oriental. As variantes *marcela/marcelinha* foram registradas somente em dois pontos na região fronteira (217 - São Miguel do Iguçu e 223 - Barracão) e no ponto 211 (Tomazina), no norte pioneiro.

O foco da nossa análise serão as duas variantes mais produtivas: a *camomila* (juntamente com as variantes equivalentes *camumila* e *camumilha*) e a *maçanilha* (juntamente com a variante *maçania*). A ocorrência da denominação *maçanilha* e da sua variante *maçania* pode ser delimitada por uma isoglossa, a qual perpassa os pontos 217, 212 e 211, dividindo o estado em duas partes, o que pode ser visualizado no Mapa 2.

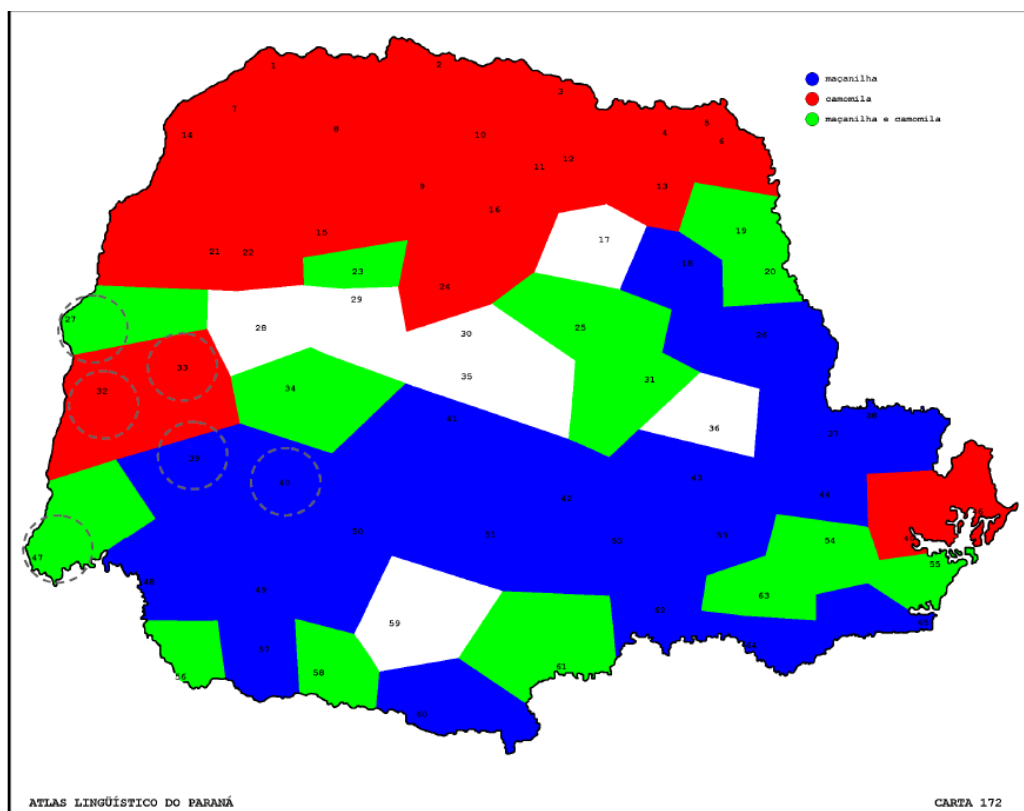
Mapa 2. Arealidade da produtividade das variantes *camomila* e *maçanilha*.



FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

Percebemos que a distribuição da variante *maçanilha* apresentada no Mapa 2 se assemelha à registrada por Aguilera (1994 *apud* BUSSE, 2010, p. 229) e reproduzida no Mapa 3.

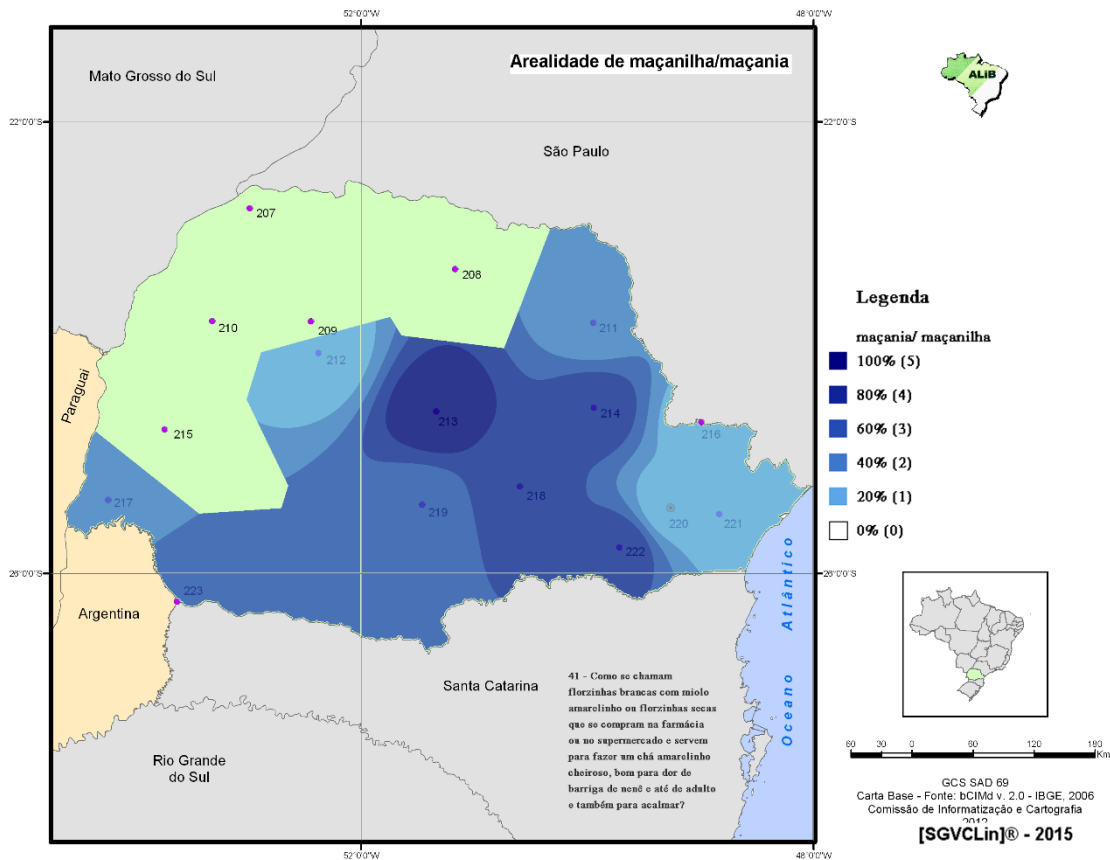
Mapa 3. A distribuição diatópica das variantes *camomila* e *maçanilha* nos dados de Aguilera (1994)



FONTE: AGUILERA, 1994 *apud* BUSSE, 2010, p. 229.

É importante ressaltar que, nos dados de Aguilera (1994), existem várias áreas com a presença exclusiva da variante *maçanilha*, o que não foi registrado nos dados do Projeto ALiB, nos quais essa variante está sempre acompanhada da variante *camomila*. Essa diferença na produtividade da variante *maçanilha* pode ser relacionada com a estrutura da rede dos pontos de pesquisa, a qual foi muito mais extensa na pesquisa de Aguilera (1994). Se analisarmos a produtividade da variante *maçanilha* nos dados do Projeto ALiB, perceberemos a sua maior ocorrência na região sudeste e centro-oriental. Enquanto Aguilera (1994) observa a presença exclusiva dessa variante também na região oeste do Paraná, os dados do ALiB não registram esse item na maior parte dessa mesma região, o que podemos observar no Mapa 4. Vale mencionar que tendência parecida, de menor produtividade da variante *maçanilha* em comparação com os dados de Aguilera (1994), foi observada por Busse (2010) na sua análise da distribuição diatópica das variantes para *camomila* no oeste do Paraná.

Mapa 4. Arealidade da variante *maçanilha*



FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

A presença dos itens lexicais de origem etimológica da língua espanhola *maçanilha/maçania* e *marcela/marcelinha* na área fronteira pode ser facilmente explicada pela existência de contatos com a população hispanofalante dos países vizinhos, como observado, por exemplo, por Costa e Isquierdo (2013) na Região Centro-Oeste do Brasil. A alta produtividade dos itens lexicais de origem espanhola registrada também nas mesorregiões centro-sul, sudeste e centro oriental do Paraná provém, provavelmente, do movimento dos tropeiros⁴ dos séculos XVIII e XIX, os quais percorriam o antigo Caminho de Viamão que atravessava esses territórios. É de conhecimento histórico que,

⁴ O tropeirismo foi uma atividade itinerante associada à criação e ao comércio de gado nas regiões Sul e Sudeste do Brasil ao longo dos séculos XVIII e XIX. Durante esse período, homens e tropas de gado muar e vacum partiam de diferentes lugares do Rio Grande do Sul e de países vizinhos e seguiam até Sorocaba, em São Paulo, onde aconteciam feiras em que se comercializavam animais destinados principalmente ao trabalho nas Minas Gerais. A principal rota percorrida pelos tropeiros é conhecida como Caminho de Viamão, seguindo em direção ao planalto norte e passando por Vacaria, Lages, Ponta Grossa, Castro, Itapetininga e Sorocaba. Maiores informações sobre o Tropeirismo podem ser obtidas em Brum (1999) e Mattos (1984).

entre os tropeiros, havia também homens originários de países vizinhos da Região Sul do Brasil. A forte presença do léxico de origem espanhola em áreas das rotas dos tropeiros foi apontada, por exemplo, por Romano (2018), a exemplo dos itens lexicais *sanga* e *arroio*, usados como designações para *córrego*.

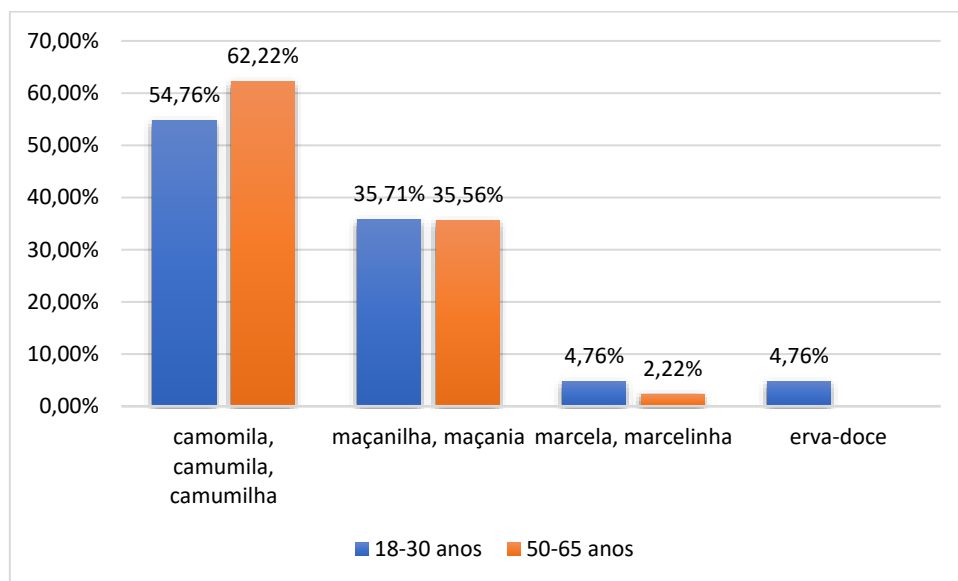
3.3 Distribuição diageracional e diassexual

Os dados revelam que a variante *maçanilha* – forma não dicionarizada com o mesmo significado de *camomila* – é menos difundida do que a variante *camomila*, embora se suspeite, com base em comentários metalinguísticos de alguns informantes, de que seja mais recorrente no meio rural do que no meio urbano. Essa hipótese é reforçada por alguns comentários dos informantes. A de Imbituva (218/4⁵), por exemplo, afirmou: “os antigo chamavam muito *maçanilha*, mais agora a gente conhece mais por *camomila*, né, agora aqui”. Da mesma forma, a de Adrianópolis (216/4) disse: “o nome antigo é *maçanilha*”. A percepção da maior ocorrência do termo na zona rural deve ser entendida como uma marca da fala mais conservadora, conforme foi expressa pela informante de Campo Mourão (212/2): “A gente chama *camomila* [...] e no interior chamava *maçania*”.

Em vista disso, esperava-se que o uso de *maçanilha* na faixa etária mais jovem (18 a 30 anos) fosse menor do que entre os informantes mais velhos (50 a 65 anos). No entanto, os dados do Projeto ALiB referentes ao Estado do Paraná não confirmaram essa hipótese, conforme se demonstra no Gráfico 2 e no Mapa 5. Vale mencionar que na pesquisa de Busse (2010), referente às variantes para *camomila* no oeste do Estado do Paraná, a variação diageracional também foi equilibrada.

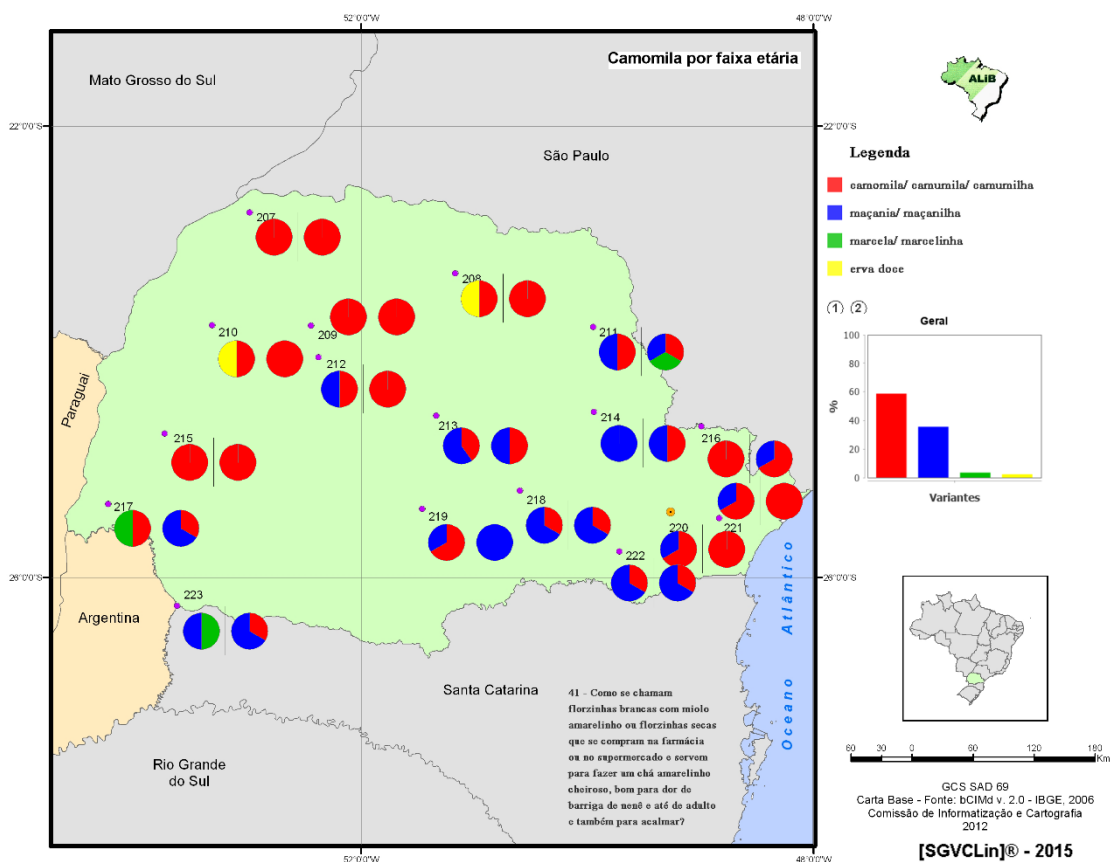
⁵ O número do ponto de pesquisa está acompanhado do número do informante, o qual indica a faixa etária da pessoa (1 e 2 – 18-30 anos; 3 e 4 – 50-65 anos) e o sexo (1 e 3 – masculino; 2 e 4 – feminino).

Gráfico 2. Variantes para *camomila* por faixa etária no estado do Paraná



FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB – inédito

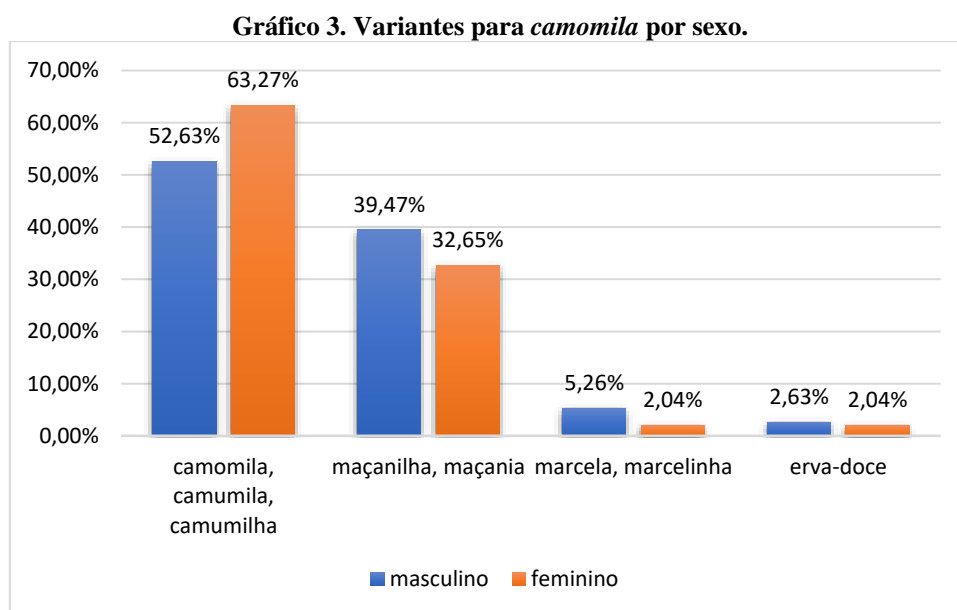
Mapa 5. A distribuição diageracional das variantes para *camomila* nos pontos de pesquisa no Paraná.



FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

No Mapa 5, no qual o círculo à esquerda se refere à faixa etária mais jovem e o à direita, a faixa etária mais velha, percebemos que somente em quatro pontos (216 - Adrianópolis; 217 – São Miguel do Iguaçu, 219 – Guarapuava e 223 - Barracão) a variante *maçanilha* foi indicada com maior frequência entre os mais velhos do que a variante *camomila*. Em Tomazina (211), Campo Mourão (212), Candido de Abreu (213), Pirai do Sul (214), Curitiba (220) e Morretes (221) a variante *maçanilha* tende a ser mais popular entre os jovens.

No tocante à variação diasssexual, registramos uma ligeira tendência à preferência do termo *camomila* entre as mulheres e do termo *maçanilha* entre os homens (ver Gráfico 3), o que sugere uma maior proximidade da fala das mulheres com a variedade da língua padrão, já constatada, por exemplo, por Labov (2008 [1972]).



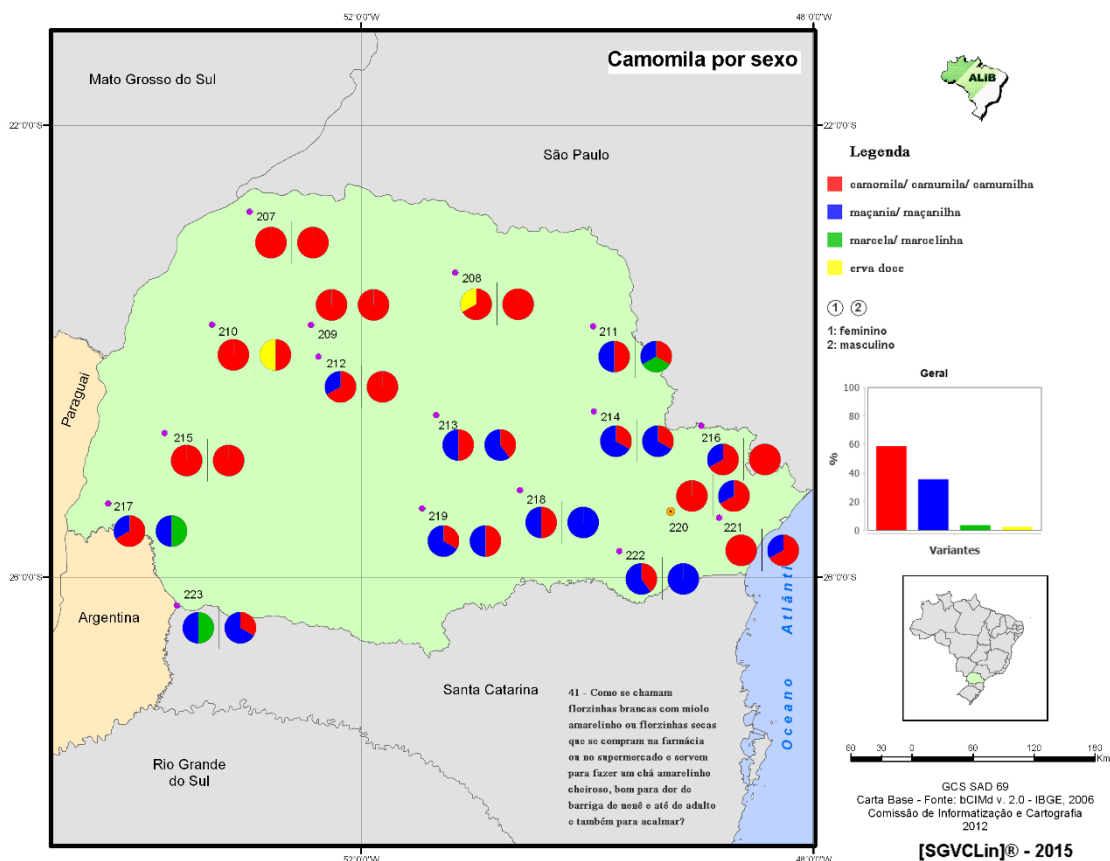
FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

É interessante compararmos esses dados com os de Busse (2010) da mesorregião oeste, nos quais a pesquisadora registrou uma predominância da variante *camomila* na fala das mulheres. No entanto, esse fato se deve principalmente à alta incidência da não-resposta entre homens (13%), o que a autora atribui à presença da *camomila* nas atividades cotidianas, no âmbito familiar, mais próximas às mulheres. Nos dados do Projeto ALiB foi observado um fenômeno semelhante, pois a falta de resposta ocorreu

somente entre homens de faixa etária mais jovem (12% dos homens), o que reforça a hipótese de Busse (2010).

A distribuição diatópica da variação diassexual, apresentada no Mapa 6 (círculo à esquerda, feminino e o da direita, masculino), também não parece revelar nenhuma tendência significativa. Aqui não se observam as regularidades visíveis nos dados de Aguilera (1994 *apud* BUSSE, 2009), nos quais a *maçanilha* era mais produtiva entre as mulheres no Litoral e no sul, enquanto as informantes do oeste preferiam a variante *camomila*, por exemplo.

Mapa 6. A distribuição diassexual das variantes para *camomila* nos pontos de pesquisa no Paraná.



FONTE: Banco de dados do Projeto ALiB - inédito

3.4 Comentários dos informantes

Os comentários dos informantes expressos durante as entrevistas constituem uma fonte de informação muito rica do ponto de vista linguístico e cultural. As observações

metalinguísticas indicam as percepções dos falantes quanto à possível ocorrência de uma mudança linguística (como no comentário referente à distribuição diageracional das variantes) e de sua variação diazonal (uso rural vs. urbano, conforme comentário da informante 212/2 citado acima). Um dos informantes compartilhou também a sua percepção da norma linguística, segundo a qual “o nome certo é *camomila*, mais nós chamamos mais de *maçanilha*” (213/1 – Cândido de Abreu). A continuação do comentário do mesmo informante pode indicar a existência da variação diastrática (na percepção do informante), na qual a *camomila* seria a variante preferida pelas pessoas com nível de formação mais alto:

INF.- [...] eu conheci por *maçanilha*.

INQ. - E se você for comprar na farmácia você pede *maçanilha*?

INF.- Eu acho que eu vou pedir *camomila* por causa... da... dos costumes já, né. Porque eu acho que se eu for pedir *maçania* muitas farmácias num vão sabê, né.

INQ. - Mas eles não são nascidos aqui? Os farmacêuticos, os atendentes lá?

INF.- Eu acho que são, mais **eles se cria no meio do outro, do outro tipo de pessoas, outro grau** né, daí eles... têm acho que outros costumes já. (213/1).

Conforme os relatos dos informantes que expressaram as suas opiniões quanto à variação social dos termos *camomila* e *maçanilha*, o primeiro deles pertenceria à língua padrão com mais produtividade nas classes sociais mais altas, enquanto o segundo seria mais usado pelas gerações mais velhas. Dito isso, é importante ressaltarmos que se trata de percepções populares que, embora sejam um indício notável da compreensão dos falantes da sua realidade linguística, não se confirmaram (no caso da variação diageracional) ou não foram averiguadas (variação diazonal e diastrática) nesta pesquisa.

O comentário do informante 213/1, citado acima, assinala também uma possível variação diafásica do uso dos termos, sendo a *camomila* preferida nos contatos mais formais. A seguinte observação de uma informante de Adrianópolis parece corroborar essa hipótese: “é *maçanilha*, que nós conhecemos, e a *camomila* que é na farmácia, o nome da farmácia é *camomila*” (216/4). Um comentário da informante mais jovem de Imbituva revela uma diferenciação ainda maior no uso das palavras, as quais poderiam designar a mesma planta, porém em estágios de processamento diferentes. Nas palavras da informante: “quando você tira do pé, né, você fala *maçanilha*, quando você compra no mercado você compra *camomila*” (218/2). Para uma das informantes de Curitiba, as

variantes *camomila* e *maçanilha* não são sinônimas, pois “aqui é *maçanilha* pelo cheiro, e pra mim *maçanilha* e *camomila* é uma diferente da outra” (220/4).

As observações dos informantes são repletas não somente de comentários metalinguísticos, mas também de relatos, por vezes mais pessoais, sobre a presença da *camomila* no dia a dia das pessoas. A pergunta feita pelo inquiridor suscita lembranças afetivas da mãe que servia o chá de *camomila* para seus filhos pequenos (219/4) ou lembranças gustativas do chimarrão temperado com essa erva nos cantos mais distantes do estado, tais como Barracão no sudoeste (223/3), Toledo no oeste (215/4) e Adrianópolis (216/2), na mesorregião Metropolitana.

Por fim, os comentários dos informantes podem constituir um registro importante das práticas populares, cada vez menos frequentes nas vidas cotidianas no Paraná, como vemos na descrição do processo de cultivo familiar de *maçanilha* a seguir: “Hoje já ninguém mais tem tempo de... antigamente, quando eu era menina assim... a gente mesmo colhia no quintal, tinha todo aquele trabalhão de por lá fora, seca e, se chovesse ,tinha que recolhê, assim às vezes dias secando, daí ter guardado pro ano todo” (222/4). Como se observa, os comentários não só atestam a existência das variantes lexicais, como testemunham o uso, eventualmente associado a determinados grupos sociais e suas práticas econômicas e culturais, o que permite ampliar o conhecimento linguístico e etnográfico.

Considerações finais

A análise das respostas para a pergunta 41 do QSL do Projeto ALiB (variantes para *camomila*) revelou a presença de duas variantes principais no Paraná: a *camomila* (58,62%, que inclui as variantes *camumila* e *camumilha*) e a *maçanilha* (35,63%, que inclui a variante *maçania*). A terceira variante registrada foi a *marcela/marcelinha*, com a produtividade de 3,45%. A distribuição diatópica da variante *maçanilha*, sempre acompanhada pela variante *camomila*, coincide com a divisão de subáreas dialetais no Estado do Paraná proposta por Altenhofen (2002). A isoléxica que demarca o território da ocorrência da variante *maçanilha* corresponde, em grande parte, à fronteira entre as zonas 3 – zona lateral do Paraná do sul e 4 – zona lateral do Paraná do norte (Figura 1), o que corresponde a áreas de povoamento mais antigas. Os dados do Projeto ALiB

analisados neste artigo confirmam, portanto, a divisão sugerida por Altenhofen (2002) e corroboram a tese de Romano (2015) de que o norte do Paraná sofreu influências diferentes do resto do Estado, sendo, possivelmente, uma área de influência do *falar paulista*. A variação diageracional e diassexual não se mostrou, do ponto de vista da produtividade dos itens, significativa.

Em comparação com os dados de Aguilera (1994), observa-se a ausência da área da ocorrência categórica da variante *maçanilha*, observada pela pesquisadora na maior parte da faixa sul do Estado (exceto o Litoral). Essa divergência pode ser explicada pelas diferenças na rede de pontos da pesquisa (urbana no caso do ALiB e rural na pesquisa de Aguilera) e na diferença temporal de cerca de uma década do período da coleta de dados. O caráter mais rural da variante *maçanilha* foi mencionado também por alguns informantes, junto com a percepção da sua suposta variação diageracional.

As falas dos informantes confirmaram a importância da *camomila* nas práticas cotidianas dos paranaenses, os quais a utilizam tanto para fins medicinais como gustativos, pois gostam “muito de tomá chá no tempo do frio, [põem] *camumila*, canela, cravo [...]”. Cozinha tudo junto, fica bem gostoso” (209/4).

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. São Paulo: Assis, 1994.

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolingüísticas do ALERS. In: VANDERSEN, P. (Org.). **Varição e mudança no português falado na Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

BRUM, N. B. de. **Caminhos do Sul**. Porto Alegre: Metrópole, 1999.

BUSSE, S. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná /ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico. **Signum: Est. Ling.** v. 12, n. 1, p. 123-144, 2009.

BUSSE, S. **O estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CHOFARD, A.; MARGOTTI, F. W. O português falado no Sul do Brasil: um balanço das áreas dialetais a partir de itens lexicais do ALiB. **Polifonia**, Cuiabá, v. 26, n. 43, p. 296-316, 2019.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001**. Londrina: EDUEL, 2001.

COSTA, D. de S. S.; ISQUERDO, A. N. Espanholismos no léxico do Brasil Central: contribuições do Projeto ALiB. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, 13 (2), p. 133-145, 2013.

COSTA, M. A. D. **Processo de produção agrícola da cultura da camomila no município de Mandirituba, PR**. Dissertação (Mestrado em Agronomia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA [online], 2008-2021. Disponível: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em 01.04.2023.

DIÉGUES JÚNIOR, M. **Regiões culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1960. (Série VI, Sociedade e Educação, v.2)

GLOWKA, K. K. de O., MARQUES, S. A.; MOURA, G. S. Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais do Município de Laranjeiras do Sul, Paraná. **Revista Verde**, Pombal, v. 16 n. 1, p. 48-59, 2021.

HORTO DIDÁTICO DE PLANTAS MEDICINAIS DO HU/CCS, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível: <https://hortodidatico.ufsc.br>. Acesso em 23.03.2023.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GAERTNER, E.; HUNDT, C., SCHOENBERGER, A. (Orgs.). **Estudos de Geolinguística do português americano**. Frankfurt a. M. TFM, 2000. p. 55-69.

KOSMANSKI, L. **Benzedeiras e seus conhecimentos sobre plantas medicinais: o conhecimento tradicional como contribuição ao ensino de ciências da natureza nas escolas do campo**. Monografia. Educação do Campo. Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2018.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.: M. Bagno; M. Scherre e C. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

MARGOTTI, F. W.; ROMANO, V. P.; Estudos Dialetológicos e Geolinguísticos no Sul do Brasil. In: VANDRESEN, P.; MARTINS, M. A. R., MONGUILHOTT, I. de O. e S. (Orgs.). **Variação e Mudança Linguística no Português Falado e Escrito na Região**

Sul e Outros Temas: Uma homenagem a Izete Lehmkuhl Coelho. São Paulo: Blucher, 2021. p. 105-136. DOI 10.5151/9786555501629-04.

MATTOS, M. Fases de prosperidade e de declínio do Tropeirismo. In: BONADIO, G. (Org.). **O Tropeirismo e a Formação do Brasil.** Sorocaba: Academia Sorocabana de Letras; Fundação Ubaldino do Amaral; Skol/ Momesso/ Caracu, 1984.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca.** Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

OLIVEIRA, M. B. de; COSTA, C. S., PAZ, F. H. da S. Reinterpretando Vazios Dialecológicos no Norte do Brasil. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 12-31, 2018.

PARANÁ é considerado maior produtor nacional de plantas medicinais. *GI Globo*. 27.09.2020. Disponível em <https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/2020/09/27/parana-e-considerado-maior-produtor-nacional-de-plantas-medicinais.ghtml>. Acesso: 30.04.2023.

ROMANO, V. P. **Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil.** Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, V. P. Áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil sob uma perspectiva geolinguística. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 103-145, 2018.

ROMANO, V. P.; AGUILERA V. de A. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 43 (1), p. 575-587, 2014.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] –Software para geração e visualização de cartas linguísticas. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, UFMG, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014.

SÉGUIER, J. de (Org.), **Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro.** Porto: Lello&Irmão – Editores, 1960.